

Aventuras e desventuras da Sociedade Italiana de Socorro Mútuo 'Lega Lombarda'.

LUIGI BIONDI*

Fundada em São Paulo em 1897, por imigrantes italianos originários da Lombardia, a *Società Italiana di Mutuo Soccorso* “Lega Lombarda” atravessou a história da comunidade ítalo-paulistana tendo frequentemente um papel de destaque entre as diversas associações étnicas, não somente mutualistas, que surgiram já durante a última década do século XIX em São Paulo. A Lega Lombarda foi uma das poucas sociedades italianas que ultrapassaram os trinta anos de vida e atualmente, das ítalo-paulistanas, é a única sobrevivente. Já nas décadas de 1930 e 1940 era uma das pouquíssimas mútuas italianas ainda existentes da cidade de São Paulo.

Assim como outras SIMS, sua fundação se insere dentro da segunda fase formativa do mutualismo italiano na capital paulista, num contexto de afirmação de identidades regionais italianas, que ao mesmo tempo evidenciava a existência e o funcionamento de redes migrantes que obedeciam a uma comum origem regional. Após uma primeira fase de nivelamento das diferenças regionais, em nome de uma identidade nacional unitária, com o progressivo alargamento e enraizamento da imigração italiana, houve uma diversificação do mundo associativo que, num processo oposto, reivindicava específicas identidades regionais. Assim surgiu também uma associação mutualista entre imigrantes da Lombardia, região que na Itália liderou, durante a mesma década de 1890, o processo de industrialização do país. Este aspecto caracterizou desde o início esta associação de imigrantes, em São Paulo, como portadora de um ideário industrialista e do trabalho urbano. Afirmação, ao mesmo tempo, de uma representação de própria identidade regional de trabalho qualificado, de orgulho do ofício, de “aristocracia operária”, de micro-empresariado, e também de empenho social e humanitário.

Os lombardos eram uma fatia importante dos imigrantes italianos no Brasil, assim como na Argentina. No Brasil, constituíam 9,2% dos imigrantes italianos aqui entrados entre 1878 e 1902 (cerca de 90.000 indivíduos)¹. Mas, diferentemente da outra

* Docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutor em História pela Unicamp.

república sudamericana, onde os piemonteses e lígures, ambos de duas regiões também em forte via de industrialização na Itália, eram em maior número que os lombardos, estes últimos representavam, no Brasil, do ponto de vista étnico, o principal grupo imigrado de uma região “industrial”.

Necessário dizer, todavia, que a maior parte dos lombardos imigrados no Brasil eram originários da grande área rural da província de Mântova, camponeses pobres que foram às centenas nas fazendas de café. Contudo, vale a pena lembrar que na sua região de origem estes camponeses foram os primeiros a experimentar o mutualismo e o associativismo sindical rural, com uma forte junção com o associativismo urbano congênere.

A componente urbana da imigração lombarda não foi secundária, com expoentes de destaque no campo sindical - o socialista Teodoro Monicelli, por exemplo, experiente sindicalista e liderança da greve geral de 1917 -, e no campo patronal, antes de tudo Rodolfo Crespi, grande empresário do ramo têxtil e um dos imigrantes mais ricos, que com Matarazzo disputava a liderança empresarial da ‘colônia italiana’.

No Brasil, cerca de 9% dos militantes italianos - anarquistas, socialistas ou republicanos -, registrados pela polícia política italiana de 1890 a 1940 eram de origem lombarda².

O fundamento funcional da Lega Lombarda era, tipicamente, o mutualismo, particularmente no que se referia à assistência médica, à qual dedicava seus maiores esforços. Em 1907, dez anos depois da fundação, a sociedade definia sinteticamente dessa forma os seus princípios básicos: a) o mútuo socorro; b) a proteção do sócios nos diversos acidentes da vida e sobretudo em caso de doença e morte; c) a manutenção dos “vínculos de amor à Pátria distante”; d) a solidariedade com as sociedades irmãs³.

Se concentramos nossa atenção nos artigos a isso destinados pelo estatuto, podemos observar que não são diferentes das outras sociedades surgidas até então: a assistência em caso de doença era o principal direito do sócio e era realizada através da

¹ Angelo Trento, *Do outro lado do Atlântico*. São Paulo: Nobel, 1988, p. 39.

² Casellario Politico Centrale, Archivio Centrale dello Stato, Roma.

³ Diário Oficial de São Paulo, n. 59, 14 mar. 1907, p. 854.

concessão de subsídios, remédios e consultas médicas gratuitas⁴. Todavia, era concedido ao sócio também a possibilidade de ser consultado por médicos alheios à sociedade e, neste caso, recebia-se um subsídio fixo para pagar as despesas da consulta. É interessante notar, porém, que nos estatutos não havia referências à assistência especificamente hospitalar, mas declarava-se que, quando houvesse fundos suficientes, seriam englobadas “*utili istituzioni*”, sem, todavia, especificar que tipo de instituição. Podemos supor que, sendo uma sociedade mútua, só podia referir-se a hospitais, ou escolas, uma vez que a instrução dos filhos dos sócios era também uma atividade eventual da associação⁵.

Acho fundamental enfatizar que a beneficência não caracterizava a sociedade, pois a assistência fornecida pela sociedade aos seus membros, como lembrava o artigo 10 do capítulo III dos estatutos, não devia ser entendida como concessão de favores, mas como o cumprimento de um pacto de mútua proteção contraído entre a associação e o sócio e regulamentado por uma carta de direitos e deveres, que era o próprio estatuto⁶. Até aqui era uma sociedade de socorro mútuo como as tantas que tinham surgido entre 1890 e 1910, mas sinalizamos esta diferença mutualismo-beneficência porque deve ser lida dentro de um voluntarismo associativo que marca uma diferenciação e distância de outras instituições étnicas e significativamente da grande associação italiana de São Paulo, a Vittorio Emanuele II e do Hospital Umberto I onde a beneficência expressava uma atitude caridosa dos bem sucedidos com a parte da comunidade imigrada pobre.

Portanto, distância também dos ambientes oficiais do Estado italiano, as autoridades consulares, embora tudo isso não limitasse nem impedisse a colaboração e o eventual diálogo com elas, assim como com as outras associações italianas.

O regionalismo, a identidade lombarda, era afirmada veementemente desde o início, tanto que a sociedade não era limitada à cidade de São Paulo e nem ao Estado homônimo, mas era, teoricamente, aberta a todos os lombardos residentes no Brasil⁷.

⁴ “Diritti dei Soci”, Art. 1 e “Dei sussidi in caso di malattia”, *Statuti della SIMS Lega Lombarda*. São Paulo: Tipografia Canton, 1910.

⁵ “Diritti dei Soci”, Art. 1 b), *Idem*.

⁶ *Idem*, pp. 12-13.

⁷ Art. 1, *Idem*.

Mas assim como outras associações étnicas regionais, ainda afirmando uma primazia do caráter lombardo da instituição, foi gradualmente perdendo seu regionalismo exclusivista inicial para se abrir aos imigrantes italianos como um todo. Foi em 1910, após 13 anos de existência, que nos seus estatutos esta abertura foi sancionada: podiam ser sócios da Lega todos os italianos imigrados no Brasil, excluindo somente os naturalizados⁸. Um interessante processo de construção nacional identitária, que conclamava a italianidade sem renunciar à identidade regional originária, uma fortalecendo a outra.

Deste ponto de vista, foi a única antiga associação italiana que manteve esta caracterização regional e nacional ao mesmo tempo até o fechamento temporário em 1944.

O próprio nome identifica estes dois aspectos em conjunto: historicamente, a Liga Lombarda foi uma aliança de cidades-livres (comunas), principalmente da Lombardia, mas também do Piemonte, da Emília, do Vêneto e da Ligúria, fundada em 1167 para enfrentar militarmente o exército imperial e reivindicar sua autonomia política; este evento foi depois mitizado e resignificado em termos nacionalistas durante o *Risorgimento*, o processo de unificação da Itália. Era um lugar geográfico e temporal da memória da nação italiana e ao mesmo tempo fortalecia a identidade regional dos lombardos como lideranças deste processo nacional. Além disso, o nome “Liga”, em si, já estava encontrando um sentido de classe com a formação dos primeiros sindicatos na Itália e em São Paulo, frequentemente chamados de ‘liga de resistência do tal ofício’.

A bandeira social da Lega Lombarda afirmava tudo isso simbolicamente: tratava-se de uma bandeira italiana com o desenho do *Carroccio*⁹ na faixa branca, cercado pelos emblemas das capitais de província da Lombardia. Além dos estatutos da sociedade, que regram o desenho de sua bandeira oficial, conhecemos o estandarte por uma antiga fotografia de 1912, que mostra um cortejo organizado pela Lega nas ruas de São Paulo¹⁰. A imagem é interessante também porque fornece informações sobre o tipo

⁸ Art. 3 e “Condizioni di Ammissione”, idem. Ver também APESP, DEOPS, Prontuário n. 10.569.

⁹ O *Carroccio* era um carro levado por dois pares de bois que sustentavam um altar e um estandarte branco com uma cruz vermelha, símbolo da cidade de Milão, cidade que liderou, no século XII, a Liga Lombarda; era usado nas batalhas, posto no centro dos exércitos das cidades da Liga.

¹⁰ José Alfredo Vidigal Pontes, *São Paulo de Piratininga*. São Paulo: O Estado de São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003, p. 39.

de sócios, pelo menos naqueles primeiros anos de funcionamento da sociedade: fundamentalmente, trabalhadores do tipo do artesão. Também não são muitos sócios, aspecto que vai acompanhar a história da sociedade ao longo de sua vida, mas um número suficiente o bastante para o seu regular funcionamento. É o problema e característica das sociedades de socorro mútuo italianas em São Paulo, sempre com um número reduzido de sócios, não comparável às congêneres da Argentina. Neste sentido, as paulistas são mais próximas ao tipo de mútua ítalo-americana do Estados Unidos.

Quem são efetivamente os sócios efetivos (os chefes de família) da Lega Lombarda ainda é um espaço de pesquisa a ser preenchido: por exemplo, não sabemos exatamente quantos são durante toda sua história; por toda uma série de indícios acreditamos que normalmente não superavam de muito a centena.

Contudo, através de uma análise de suas atividades sociais, dos estatutos e das eleições, podemos traçar sim um perfil geral de sua composição social, assim como de suas tendências políticas e de suas relações do mundo do trabalho ítalo-paulistano.

Os estatutos, por exemplo, mostram que a admissão de operários sem qualificação era uma norma, pois o fundamental artigo 1, sobre a organização democrática da instituição, dizia explicitamente que o sócio podia votar mesmo que fosse analfabeto¹¹.

Se a progressiva sucessão das direções mostra uma certa estagnação na ampliação do número de sócios, uma vez que a circularidade nos cargos é muito limitada (por exemplo, o presidente da Lega Lombarda, em 1910, Ernesto Amadei, já tinha sido presidente da mesma em 1902¹², assim como frequentemente, no conselho diretivo, estão os sócios Archimede Galli e Ferdinando Boschini), ao mesmo tempo evidencia que não havia grandes empresários. Os Crespi, por exemplo, são ausentes da vida da associação. Nos principais momentos de sociabilidade organizados pela associação, figuram nomes de “anônimos” artesãos e trabalhadores qualificados, pequenos comerciantes ou de jovens mulheres sindicalistas, como Maria Pennazzi, nunca os dos principais expoentes da ascensão social lombarda (e italiana) em São Paulo.

¹¹ Art. 1 d) Capítulo II, *Statuto della Società Italiana di Mutuo Soccorso 'Lega Lombarda'*, op. cit., pp. 12-13.

¹² Idem e “Lega Lombarda”, *Avanti!*, n. 210, 11 jul. 1902.

Este aspecto deve ser destacado porque contrapõe este tipo de sociedade com outras de origem regional, da Itália do sul, de São Paulo, onde empresários e comerciantes de origem artesã ou popular, que fizeram sua ascensão social na imigração, junto com importantes empresários e profissionais liberais que já pertenciam a estes setores sociais na época de sua imigração, resultam como as lideranças naturais.

O próprio regionalismo da Lega, deve ser lido neste sentido social, como afirmação, frente às nascentes ou afirmadas associações irmãs de italianos do sul, de um outro tipo de nação italiana, popular e republicana, sobretudo, mais do que de uma idiosincrasia com a Itália meridional.

Gradualmente, mas significativamente já na segunda década do século XX, a SIMS Lega Lombarda vai se tornando o foco associativo central de artesãos imigrados de todas as regiões do norte da Itália, de modo que, apesar de sua abertura formal a todos os imigrantes italianos, era fundamentalmente uma sociedade que agregava dezenas de famílias de trabalhadores qualificados setentrionais em torno de suas diversas atividades.

Para além do número de sócios, que quantifica (e para alguns, qualifica) a sua capacidade agregativa primária em torno de sua função mutualista, acreditamos que deva ser considerada com mais relevo a sua função socializadora e política.

Dentro do contexto associativo étnico fragmentado do mundo do trabalho paulistano, aparentemente muito mais frágil e desorganizado do portenho (para ficar dentro de ambientes migratórios comparáveis), a capacidade e função agregativa das mútuas deve ser procurado, a meu ver, não tanto no número de associados, que se utilizavam dos benefícios do socorro mútuo, mas na sua visibilidade e no seu papel de agente socializador no mundo dos trabalhadores urbanos imigrados, para além do círculo dos sócios.

As conexões da Lega Lombarda com a militância nas diversas tendências presentes, moderadas ou radicais que fossem, torna-se evidente já nos seus primeiros anos de existência, acompanhando o papel dos socialistas italianos no âmbito do mutualismo étnico, como pode ser observado inicialmente desde a participação de muitos sócios dos círculos socialistas paulistanos à festa para a comemoração do quinto

aniversário da sociedade em 1902¹³, participações e freqüentações que continuaram assiduamente nos anos seguintes¹⁴.

A Lega é considerada uma das três sociedades italianas de socorro mútuo “verdadeiramente operárias”, afirmação de um nacionalismo de classe que tem suas origens no republicanismo radical e passa pela afirmação do socialismo democrático da 2ª Internacional.

Na disputa dos socialistas com os monarquistas pelo controle das sociedades italianas, nos deparamos, em 1907, com um momento altamente simbólico, teoricamente unificador, mas na realidade profundamente divisor de todas as comunidades italianas no estrangeiro naquele período: o primeiro centenário de Garibaldi, nascido no dia 4 de julho.

A direção do comitê anti-monarquista foi confiada ao *Circolo Repubblicano “IX febbraio”* e ao *Circolo Socialista Internazionale* de São Paulo, com o fim de atrair as sociedades “*veramente operaie*”¹⁵: e, de fato, este comitê recebeu a adesão de várias sociedades, inclusive de muitos grupos socialistas e republicanos e de sociedades de socorro mútuo do interior¹⁶. A celebração de Garibaldi representou a tentativa de republicanos e socialistas italianos de mostrar a via de uma integração à sociedade paulista, em vista da construção de uma nova identidade brasileira que tivesse como base o internacionalismo praticado por Garibaldi, e do qual tanto os republicanos (na versão internacionalista patriótica *mazziniana*) quanto os socialistas (na marxista) se consideravam herdeiros.

Neste mesmo âmbito político-social, em 1913, durante a crise de desemprego que ocorreu em São Paulo, a sociedade foi uma das primeiras a atender ao chamado da

¹³ *Avanti!*, n. 210, 11 jul. 1902, p. 3.

¹⁴ Por exemplo, *Avanti!*, n. 1939, 27 fev. 1908 e n. 1943, 4 mar. 1908.

¹⁵ *Avanti!*, n. 1717, 11 jun. 1907, p. 1.

¹⁶ No dia da comemoração do comitê popular e democrático, das várias associações que aderiram, enviaram seus representantes os seguintes grupos e sociedades: de São Paulo, *Centro Socialista Internazionale*, *Circolo Repubblicano IX Febbraio*, *Unione Operaia Civiltà e Progresso*, *SIMS Lega Lombarda*, *SIMS Leale Oberdank*, *Circolo Socialista 1º Maggio del Braz*, *Circolo Socialista del Bom Retiro*, *Loja Prudente de Moraes*; do interior, *Circolo Socialista Elisa Negrini* (Estação Pilar), *Società di Mutuo Soccorso Dante Alighieri* (Baurú), *SIMS Italiani Uniti* (São João da Boa Vista), *SIMS Lavoro e Educazione* (Torrinha), *Gruppo Repubblicano Giuseppe Mazzini* (Bragança); *Circolo Repubblicano Fratelli Bandiera* (Santos), *Circolo Repubblicano Guglielmo Oberdank* (São João do Curralinho), *Associazione di Assistenza Cristoforo Colombo fra Lavoratori Italiani* (Vila Caracol); do Rio de Janeiro, *Gruppo Repubblicano Antonio Fratti*.

Legha della Democrazia (uma associação política de republicanos e socialistas italianos), que, ultrapassando o meio da comunidade italiana, convocou uma reunião programática na sede da *Società Dante Alighieri*, para formular um programa que deveria ser apresentado ao governo estadual e ao municipal para que este não se limitasse à entrega de ajudas eventuais (e parciais) através da distribuição de alimentos¹⁷.

Com a participação de grande parte das sociedades mutualistas e algumas beneficentes de São Paulo, pertencentes a várias nacionalidades, esta reunião (presidida pelo socialista Alcibiade Bertolotti) chegou à elaboração de uma série de reivindicações: o início de uma série de trabalhos públicos (sobretudo relativos à abertura de obras edilícias e frentes de trabalho nas estradas); fixação dos preços máximos dos bens alimentares e fiscalização destes; abertura de mercados livres e armazéns municipais com alimentos a preço de custo; impedir temporariamente os despejos das casas; diminuir os aluguéis das casas operárias; um projeto de fundação de vilas operárias¹⁸.

A atuação da Legha Lombarda dentro de um espírito nacionalista manifestou-se constantemente ao lado de suas atividades no campo mais especificamente classista ou político de tendência republicana ou socialista. Nas duas situações de formação de fundos a favor das famílias ítalo-brasileiras que tiveram parentes mortos ou feridos como soldados do exército italiano, esta SIMS esteve sempre presente: em 1911, na época da Guerra de Líbia (Conflito Ítalo-Turco) e sobretudo durante a 1ª Guerra Mundial, quando a Legha integrou o comitê Pro-Patria, que tinha esta função de arrecadação de fundos para os patrícios imigrados envolvidos diretamente no conflito.

No período sucessivo à 1ª Guerra Mundial, na década final da Primeira República e na primeira parte dos anos de 1930, a Legha continuou na encruzilhada entre afirmações de classe, geralmente em atividades de apoio de iniciativas tomadas por socialistas e republicanos italianos, e étnicas, de reivindicação de sua italianidade, geralmente na leitura republicana e anti-governista.

¹⁷ “L’opera della Legha della Democrazia”, *Avanti!*, 2ª série, n. 18, 29 ago., 1914, p. 2.

¹⁸ Da reunião participaram as seguintes associações: *SIMS Leale Oberdan*; *Unione Operaia di Barra Funda*; *SIMS Vittorio Emanuele II*; *Centro Internazionale della Luz*; *Sociedade Beneficente dos Chaffeurs*; *Associação auxiliadora das classes laboriosas*; *Allgemeiner Arbeiterverei*; *Ufficio informazioni e assistenza per gli operai italiani*; *Deutscher Graphischer Verband fur Brasilien*; *Sociedade Aliança*; *Sociedade Cooperativa Beneficente Paulista*; *Federación Española*; *União dos Canteiros*; *Legha della Democrazia*; *SIMS Galileo Galilei*; *SIMS Legha Lombarda*; *Federazione dei maestri Italiani*; *Sociedade Beneficente Portuguesa*.

A caracterização regional lombarda continuou se diluindo e desaparecendo quase por completo em lugar, como dissemos, de uma do norte da Itália, mas esta também, realmente, foi se perdendo a favor de uma italianidade geral, caracterizada, porém, por uma atitude anti-fascista militante, que colocou esta associação na frente das agremiações e grupo italianos de São Paulo contrários ao governo fascista¹⁹.

Esta atividade se integrou a uma de participação ativa no mundo político propriamente brasileiro, aspecto que tinha sido praticamente ausente até meados dos anos de 1920.

Foi durante os anos de 1930 que a Lega Lombarda se tornou em São Paulo um dos principais foco de reuniões locais de socialistas, comunistas e sindicalistas tendo abrigado, aliás, encontros da Aliança Nacional Libertadora. Sindicalistas da Federação Operária de São Paulo (FOSP) utilizavam frequentemente os locais da sociedade para suas reuniões, entre o final dos anos vinte e a primeira parte dos anos trinta, o que colocava a associação duplamente sob a mira do DOPS: antes, na 1ª República, por apoiar o movimento operário organizado que a FOSP expressava e depois, durante a década de 1930, porque esta antiga federação sindical, a partir de um certo momento, começou a obstaculizar em São Paulo o projeto trabalhista varguista²⁰.

Atuada pela polícia política de São Paulo e pelas autoridades consulares do governo italiano que contavam com o apoio de uma parte minoritária de sócios, estes posicionamentos de esquerda da Lega Lombarda, que durante os anos de 1930 foram até mais evidentes que nas décadas anteriores, foram forçados a desaparecer. A fascistização da sociedade se realizou definitivamente no final dos anos trinta e ao mesmo tempo ajudou a eliminar as simpatias de parte de seus sócios para com a esquerda brasileira.

Durante o segundo conflito mundial, em 1944, o exército brasileiro invadiu a sede da sociedade, um dos regimentos de cavalaria de São Paulo chegou a ocupar as salas de seu prédio, na Liberdade, e todo seu patrimônio material foi seqüestrado.

Foi somente depois da guerra que a associação voltou lentamente a funcionar. A época do mútuo socorro tinha terminado e o que sobrava era a função agregativa geral e de sociabilidade destas antigas sociedades, como foi no caso da própria Lega.

¹⁹ Mussolini é primeiro ministro a partir de outubro-novembro de 1922.

²⁰ APESP, DEOPS, Prontuário n. 10.569.

Em 1958, após a visita do presidente da república italiana Giovanni Gronchi ao Brasil, a Lega Lombarda foi aconselhada a se fundir com a *Muse Italiche*, uma antiga associação cultural de cultores da ópera – aliás, uma das primeiras sociedades de italianos de São Paulo a aderir ao fascismo, por um bom tempo inimiga autêntica da Lega -, para formar a Liga Itálica, ainda hoje existente.

A trajetória da Lega Lombarda não pode ser tomada como um padrão absoluto da história das sociedades italianas de socorro mútuo em São Paulo, uma vez que, sobretudo para aquelas do interior, as tendências de classe, mais propriamente esquerdistas (socialistas e republicanas) não foram certamente predominantes, ou, pelo menos, tinham que disputar o controle da associação internamente em cada agremiação, de igual para igual, com a tendência oposta monarquista (e mais tarde fascista).

O caso da Lega, porém, corresponde a um certo modelo, sim, de associação mutualista onde prevaleceram, ainda que nem sempre de forma radical, as identidades políticas que expressavam uma ligação com o movimento operário. Elementos do ‘integralismo malonista’ social democrata, que caracterizava os partidos socialistas das 2ª Internacional foram bem presentes nesta associação, acompanhados sobretudo por uma postura mais geral e mais difusa de republicanismo social solidário, do tipo do *mazzinianismo* italiano, ao lado de um liberalismo moderado herdeiro dos valores do nacionalismo da época da unificação italiana, que o contexto imigratório transnacional ajudou a preservar e reproduzir.

Com outras sociedades étnicas de São Paulo, como a Leale Oberdan e a Galileo Galilei, por exemplo, transitou dentro de um imaginário identitário étnico e trabalhista, ao mesmo tempo, contribuindo na elaboração de um nacionalismo de classe que atravessava, ainda que de forma heterogênea, uma parte consistente da comunidade de trabalhadores italianos imigrados em São Paulo.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008. *Avanti!*, São Paulo, 1900-1908; 1914-1919.

BAILY, Samuel L. “Las dimensiones globales de la migración italiana: siguiendo el rastro de la diáspora a través de las sociedades italianas, 1835-1908”, *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n. 44, abr., 2000, pp. 5-15.

BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe*. Campinas-SP: Tese de Doutorado em História, IFCH, Unicamp, 2002.

DEVOTO Fernando J.; MIGUEZ Eduardo J. (orgs.), *Asociacionismo, trabajo e identidad étnica*. Buenos Aires: CEMLA, CSER, IEHS, 1992.

Fanfulla, São Paulo, 1897-1940.

Il Brasile e gli Italiani. Firenze, Edizioni del “Fanfulla”, Bemporad e Figlio, 1906.

Labour History Review, Special Issue: Transnational Ideas, Activities, and Organizations in Labour History c. 1860s to 1920s. v. 74, n. 3, dez., 2009.

PONTES, José Alfredo Vidigal. *São Paulo de Piratininga*. São Paulo: O Estado de São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

RIDOLFI, Maurizio. *Il circolo virtuoso, sociabilità democratica, associazionismo e rappresentanza politica nell'Ottocento*. Firenze: Centro Editoriale Toscano, 1990.

Statuti della SIMS Lega Lombarda. São Paulo: Tipografia Canton, 1910.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel / Instituto Italiano di Cultura di São Paulo, 1988.

VAN DER LINDEN, Marcel (org.). *Social Security Mutualism. The Comparative History of Mutual Benefit Societies*. Berlin, New York: Peter Lang, 1996.